

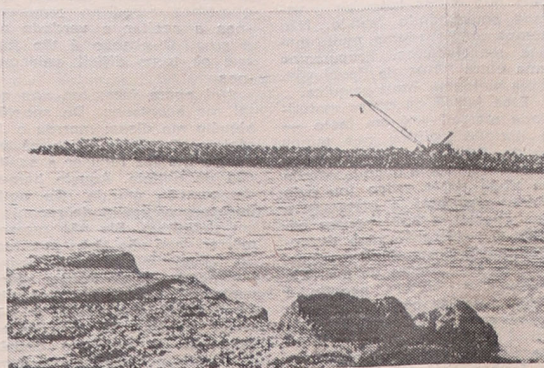
MARÉ VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANÁRIO

ANO IX N.º 426 — PREÇO 17\$50 — 7/3/85

OBRAS DE DEFESA DA COSTA



Um esporão em Paramos — ainda este verão?

Em breve poderá começar a ser construído um esporão em Paramos, reforçando assim as obras de defesa da costa, principalmente numa zona das mais afectadas pelas investidas do mar, a freguesia de Paramos. Esta uma informação que o Presi-

dente da Câmara prestou no início da sessão, realizada na passada sexta-feira. Segundo Artur Bartolo, o Ministro do Mar já proferiu um despacho favorável para a edificação da obra, existindo na Direcção Geral de Portos,

uma planta do esporão que ali será implantado.

Refira-se que será junto a esse esporão que ficará situada a saída da estação de tratamento de esgotos — emissário principal — cuja 2.ª fase se irá iniciar em breve.

CLUBE ACADÉMICO DE ESPINHO FAZ 28 ANOS

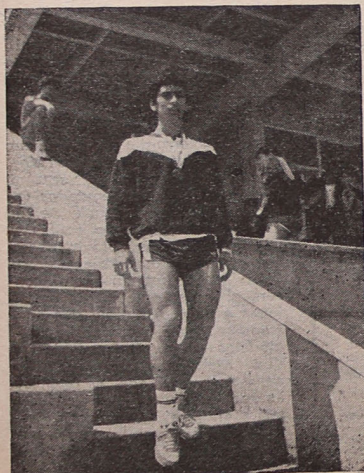
PÁGINA 7

ATLETISMO

ANTÓNIO NATÁRIO

Um atleta espinhense
no Campeonato
Mundial de Cross

— PÁGINA 7



8 DE MARÇO: DIA INTERNACIONAL DA MULHER



(LES DEMOISELLES D'AVIGNON) — PABLO PICASSO

Em que medida tem ou não razão a existência de um Dia Internacional da Mulher? A emancipação da mulher será uma questão ultrapassada?

«Maré Viva» preocupou-se em ouvir e dar a palavra a mulheres.

— PÁGINAS CENTRAIS

Assembleia Municipal

INTEGRAÇÃO
NA EDP
— MAIS DEVAGAR

— ÚLTIMA PÁGINA

CONTRALUZ

Da revolução da adolescência à adolescência da revolução

De punho erguido, bandeira na outra mão, desfilando rua fora de braço dado com tantos outros, cantando canções novas... eramos nós também (lembram-se?) — os que hoje rondamos os 30, mais para lá, mais para cá.

De repente, os jovens adolescentes perderam o seu ar caladinho de seminaristas, abraçaram a Revolução feitos capitães de Abril em barquinhos de cortiça e deixaram-se ir, rio abaixo. A sua crise de adolescência — quase no fim, aliás — terminava ali. Identificavam-se com e na Revolução e nada mais era necessário porque ela enchia as suas vidas e parecia irreversível. Manuel Freire, Ary dos Santos, José Mário Branco, Luís Basto, entre outros eram «heróis nacionais» que penetravam no mais íntimo dos indivíduos. Quantos não casaram ao som de uma canção de Adriano Correia de Oliveira, quantos não se apaixonaram por causa de um poema de José Gomes Ferreira?

Aquele era o tempo sem sombra de dúvidas. Emancipação da mulher, direitos da criança, paz, igualdade eram evidentes e quem ousasse ultrajá-los só um pouco era renegado; não se pecava por obras, palavras, nem

pensamentos.

Depois... aos poucos... os Bee Gees, os Beatles, ou mesmo um Brel ou um Reggiani voltaram a entrar no gira-discos, primeiro para recordar, depois para ficar; a música brasileira voltou a encher-nos as estantes. Parecia até que a década de 70 dava origem, novamente, à de 60.

Os jovens adolescentes — agora homens — voltaram a ouvir música baixinho, fechados no quarto. Compraram ainda um Sérgio Godinho ou um Vitorino mas não o ouviram muitas vezes. Começaram a pôr em causa os seus casamentos, os seus filhos, os seus empregos; entraram em contradição consigo mesmos, culpabilizaram-se e tiveram medo de não serem capazes de amar o suficiente.

Que se passava então? Os jovens revolucionários estavam a ficar conservadores? A Revolução acabava assim, porque as pessoas não saiam à rua? Porque já não gritavam, já não faziam valer os seus direitos?

Era claro que havia uma crise de adolescência por resolver. Uma identificação adiada. A identidade de cada indivíduo não tinha sido feita na

forja do quotidiano, mas sim em algo que — seu por direito, por paixão — não deixava de ser colectivo e por tal, de certa forma, exterior.

Hoje, a nossa crise de adolescência adiada, é bem mais difícil de solucionar do que o seria na idade própria; todavia, é nela que temos laborado e vamos conseguindo fazê-lo. Não somos conservadores, muito menos reaccionários. Procuramos uma outra forma de Revolução, mais biológica, mais psíquica.

Essa busca da nossa maturidade marca — é um facto — o período político que temos vivido. Essa palavra — que nos parece descabida quando escrita no título deste artigo (ou pelo menos abstracta e distante) e nos chegou a fazer pensar em adiar a publicação para as comemorações, em Abril — permanece viva dentro de nós. Ela existe com certeza naquilo a que um amigo costuma chamar os nossos subterrâneos. E existe em Abril ou em Março, tanto faz. Porque parece evidente que, se formos capazes de resolver, de uma vez por todas, a nossa crise de adolescência, seremos capazes de ultrapassar facilmente a adolescência da nossa Revolução.

J. R. T.

RASCUNHOS

Conhecemos pessoas. Conviemos com elas. Criamos-lhe amizade. E, prolongando-se estes laços ano após ano, pensamos que eles não mais têm fim. Afastamentos temporários mais ou menos espaçados não destroem este pensamento. E cada reencontro mais no-lo confirma.

Até que, de repente, vem-nos a má nova: fulano morreu. É um sopapo, uma daquelas bofetadas valentes que nos fazem oscilar corpo e alma. Pode lá ser uma coisa destas? Não queremos acreditar, recusamos-nos a aceitar a verdade nua e crua. O abanão é tão forte que se torna difícil recompor-nos.

Vai agora fazer um ano que tal me aconteceu. De sopetão, alguém me disse: morreu o Jerónimo. Qualquer coisa cá por dentro me fez recusar a aceitação da notícia. Aquele homem de coração grande não podia desaparecer assim de repente e em definitivo. Ele não merecia morrer. Isso não tinha acontecido. Estavam a enganar-me. Mesmo depois de lhe ter acompanhado o corpo na sua viagem final, continuava a não poder crer que tal pudesse ter sucedido. E, um ano depois, ainda não consegui habituar-me à ideia de que o Jerónimo Reis só continua vivo nas minhas recordações.

Conheci-o naquela que foi sempre a menina dos meus olhos, a sua e minha Académica. Muitas horas contactei com ele na sala da Direcção da colectividade e fora dela. Tornam-nos amigos. Amigos de verdade. Para além da amizade que por ele nutria, dedicava-lhe verdadeira admiração. Depois da Académica estive com ele



no Sporting, na Câmara, nos Bombeiros. Nunca tive a mais pequena razão de queixa para com ele. Podíamos estar em polos diferentes de opinião, questionar um pouco, mas aceitávamos-nos reciprocamente, nas nossas virtudes como nos nossos defeitos. Muito aprendi com ele no que se refere a aceitar e respeitar os outros, no ser aberto para com pareceres opostos, no ser condescendente para com as faltas alheias, no reconhecer as próprias culpas. Só não consegui aprender com ele a sua enorme capacidade de se dar por inteiro a tudo quanto fôsse válido e útil para a nossa terra e para a nossa gente. Aí eu era, e ainda sou, demasiado comodista. Ele, não. Ele dava-se totalmente a quanto era solicitado. Dava-se em trabalho, em preocupação, em sacrifício das suas próprias economias, e com uma sinceridade e uma despreocupação pessoal que o impuseram à consideração de todos os espinheiros. Inimigos, se os teve, só os que o eram por inveja, sobretudo pela inveja de, em qualquer atitude que tivessem a favor de Espinho, não poderem fazê-lo com a mesma pureza e claridade que eram a constante do Jerónimo Reis.

Carlos P. Moraes



Quem são os analfabetos?

MANUEL PINTO *

PODER LOCAL

Aprender com os erros nacionais

Dizem as estatísticas que, actualmente, em cada cem portugueses mais de 20 não sabem ler nem escrever. É o drama — ou antes a tragédia — do analfabetismo.

É certo que uma percentagem elevada desses números se situa nas faixas etárias mais elevadas, mas, estranhamente, quando se esperava que a taxa de analfabetos diminuísse, devido aos alargamentos e generalização da escolaridade básica, eis que se perfilam os sintomas que sugerem o contrário.

Aumenta, com efeito, o número de adolescentes que abandonam precocemente o sistema de ensino, seja porque as condições de vida os obrigam a procurar uma ocupação remunerada, seja pura e simplesmente porque a escola, tal como está, os não motiva, e antes rejeita.

E, pelo menos em determinados meios, começa a ser frequente encontrar jovens que só lêem com um mínimo de fluência e correcção. O que a este propósito se passa, por exemplo, nos actos de inspecção militar, não deixa de ser altamente sintomático.

Mas... e aqui é que bate o

ponto: de há vários anos para cá que as organizações internacionais especializadas — a UNESCO, por exemplo — defendem que um analfabeto não é só aquela pessoa que não consegue ler nem escrever mas também aquela que, embora lendo, não entende devidamente o que lê e, embora escrevendo, não chega a expressar aquilo que pensa ou sente.

Para dar alguns exemplos, nesta acepção, analfabeto será também aquele que, para preencher os impressos para o bilhete de identidade ou o passaporte, tem de recorrer a uns «habilitados» que — já contando com isso — se apresentam à porta dessas repartições. Será aquele que, pretendendo acompanhar um filme estrangeiro pela televisão, não acompanha o ritmo das legendas; o que não consegue procurar um número de telefone ou uma indicação numa lista ou num ficheiro; é, enfim, todo aquele que a escola não preparou adequadamente para enfrentar com condições de sucesso os imprevistos e as situações diversas que a vida lhe coloca pela frente.

Assim considerado, o analfabetismo atingirá, em Portugal, preocupações bem mais preo-

cupantes do que aquelas que nos são indicadas pelo Instituto Nacional de Estatística.

Haverá objeções à importância decisiva atribuída às capacidades de leitura e de escrita? Há com certeza. Vivemos numa civilização áudio-visual que tende a substituir o esforço que ler e escrever implicam. Há profissões que, nas circunstâncias presentes, parece dispensarem essas capacidades. Só que por detrás do escrever, do ler e do contar está subjacente uma cultura muito mais vasta, cujas competências são exigidas nas mais diversas situações da vida.

Cabe, por isso, ao Estado — embora não necessariamente só a ele — o esforço tendente a melhorar a actual situação portuguesa neste campo. Em 1979, a Assembleia da República aprovou um Plano Nacional de Alfabetização e de Educação Básica de Adultos, previsto para dez anos, cujo conteúdo foi nacional e internacionalmente enaltecido. Nele se prevê que, ao fim de cinco anos, se proceda à avaliação do caminho percorrido, em ordem a corrigir o que se tiver mostrado deficiente.

As experiências feitas no âmbito desse Plano, dinamizadas

Começa a falar-se, e cada vez com mais insistência, da eventual alteração das leis electorais que nos têm regido, seja as que se prendem com a escolha dos deputados à Assembleia da República, seja as respeitantes aos órgãos de Poder Local.

Uma e outras, tendo embora conduzido — e resta saber se fatalmente... — a indiscuti-

pela Direcção Geral de Educação de Adultos, têm-se mostrado em muitos municípios, extraordinariamente fecundas. Mas correm o risco de morrer asfixiadas, sobretudo por falta de verbas e «polítiques» partidárias.

Importará, portanto, reflectir o caminho feito, para aproveitar maximamente os cinco anos que restam para execução do Plano.

* Jornalista do J. N.

Depósito Legal 2048/83

MARE VIVA

SEMANÁRIO

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo

REDACTORES — António Gomes, Bernardo Ferrão, Carlos Cruz, Fernanda Alves, Fernando Caprichoso, Filomeno Oliveira, Jorge Rosa, Moreira da Costa e Narciso Oliveira

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA — Carlos Alves e Olívio Silva

COLABORADORES — Alice Rocha, António J. Lacerda, Berta Nunes, Carlos Moraes, Correia da Silva, Fausto Neves, Fernando Meneses, Joaquim Fidalgo, Jorge Carvalho, Jorge Monteiro, José António Franca, Luís Costa, Moreira da Costa, Maria do Carmo, Mário Bismark, Mário Correia, Mário Rui Neves, Moraes Gaio, Rui Lacerda e Victor Sousa.

PAGINAÇÃO — Augusto Mota, António Gaio e Henrique Ferreira

CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselins), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta) e Manuel Santos (Guetim)

Propriedade do Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621

Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, C.R.L.

Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016

Tiragem deste número: 2000 ex.

continua na página 8

COM A DEVIDA VÉNIA

«Para ajudarem à confusão, assim a modos de quem atira a pedra e esconde a mão, são bem capazes de exigirem um estádio, quando afinal reconhecem a sua superfluidez. Por detrás das suas exigências há objectivos inconfessáveis. Por frustração e recalamentos doentios, perseguem no anonimato covarde a quem nada tem que se lhe aponte. São autênticos marginais desta nossa sociedade mas que, apesar disso, continuam impunes».

Alvaro Graça
in «D. E.» de 28/2/85

«A última sessão da Assembleia Municipal, realizada sexta-feira, voltou a colir dividendos para o Concelho. Mais uma vez a Câmara, na pessoa do seu presidente, foi um bombo de pele rota, apesar dumas desgarradas intervenções dum elemento demasiado denunciante de estarem a fazer frete...».

In notícia «E. V.» de 1/3/85

«O deputado chegou à cidade das bananas, fez casa clandestina, meteu a filha na piscina e na Assembleia arma em defensor da Associação de malfiteiros que o acolhe e lhe encomenda as arengas e as roncadas».

In notícia «E. V.» 1/3/85

«Ao ser instado pelo vosso jornal para responder a perguntas que me pretendiam fazer, pôs-se-me o problema se o devia ou não, atendendo à forma menos correcta e por vezes injuriosa como a Câmara e eu próprio temos sido tratados nas vossas colunas. Depois de ponderar bem a questão entendi que o devia fazer não só pelo respeito que me merecem as funções públicas que desempenho como também o respeito que devo aos leitores e aos cidadãos espinhenses».

Entrevista de Rolando Sousa
ao «E. V.» de 1/3/85

Vedações da CP

Já estão em Espinho há semanas

Os painéis de vedação da linha do caminho de ferro já se encontram em Espinho, algures na estação da CP, há várias semanas, soube o «Maré Viva» junto de fonte bem informada.

O facto da CP, manter a vedação nas condições actuais, acarretando vários perigos, especialmente para as crianças, tem merecido várias críticas de toda a imprensa local, bem como protestos por parte da Câmara. Isto levou inclusivamente a um acordo entre a autarquia

local e aquela empresa no sentido desta fornecer o material e a edibilidade a mão de obra necessária à sua colocação.

Agora que os painéis já se encontram em Espinho, estranha-se muito que a CP ainda não tenha dado conhecimento disso à Câmara, para esta proceder à sua reposição. De que estará a CP à espera?

Esta uma situação que não pode ser admitida e que merece ainda mais o repúdio de todos os espinhenses.

Espinho não sofre falta de carne

O Concelho de Espinho não tem sido afectado pela falta de carne, ao contrário do que se passa com alguns concelhos limítrofes, na sequência de um boicote que os negociantes de gado estão a fazer aos matadouros nortenhos.

De qualquer forma o matadouro municipal encontra-se quase sem actividade, não fazendo abate de carne bovina já há vários dias, segundo apuramos junto dos seus serviços. Essa situação, no entanto, não tem originado faltas deste pro-

duto entre nós, dado que os talhantes locais se absteemem noutro local.

O boicote feito pelos criadores, negociantes e comerciantes de gado aos matadouros nortenhos, pretende ser uma forma de pressão para que seja abolida a obrigatoriedade de obtenção de uma guia de circulação, obrigação essa que dizem causar-lhes grandes trabalhos, com deslocação morosa para a obtenção de um papel que consideram inútil.

Carro cai num buraco do saneamento

Uma viatura de marca «Wolkswagen» caiu num dos buracos das obras do saneamento público, junto ao bairro. O acidente, que felizmente não teve grandes consequências, deu-se no passado dia 26, 3.ª feira, por volta das 21 horas, quando o referido veículo circulava na direcção sul-norte.

O local, que não tem qualquer iluminação pública e não está devidamente sinalizado, constitui de facto uma verdadeira ratoeira para os automobilistas que desconhecem a existência

das obras, de inegável valor para o concelho de Espinho, que ali se estão a realizar.

No caso presente, o acidente registou-se quando o automóvel teve que se desviar de um outro que circulava em sentido contrário, enfaixando-se num buraco pouco profundo, mas largo. Tudo ficou sanado quando, com a ajuda de alguns populares, o seu proprietário o retirou, sem grandes danos. De qualquer forma aqui fica o alerta para as entidades competentes.

Cartório Notarial de Espinho

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar de Fonseca e Castro.

«MARCO PAULO & LOPES LIMITADA»

Certifico que por escritura de hoje, lavrada de folhas 149, verso, do livro de notas para escrituras diversas 90-B deste cartório, HENRIQUE DOS SANTOS LOPES, MARCO PAULO SILVA LOPES, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A Sociedade adpta a firma «MARCO PAULO & LOPES, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Avenida Vinte e quatro, número setecentos trinta e cinco, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e durará por tempo indeterminado, a contar desta data.

Segundo — O seu objectivo é a exploração de café, snack-bar e tabacaria.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cem mil escudos e corresponde à soma de duas quotas sendo uma de noventa e cinco mil escudos pertencente ao sócio Marco Paulo Silva Lopes e outra de cinco mil escudos pertencente ao sócio Henrique dos Santos Lopes.

Quarto — A cessão de quotas a estranhos, bem como a sua divisão dependem de prévio consentimento dos sócios não cedentes.

Quinto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e remunerada ou não conforme for deliberado em assembleia geral, compete ao sócio Henrique dos Santos Lopes, que desde já fica nomeado gerente, sendo necessária e suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e a representar activa e passivamente.

Parágrafo único — O gerente pode delegar em quem entender todos ou parte dos seus poderes, mediante procuração.

Sexto — Aos sócios poderão

ser exigidas prestações suplementares de capital desde que a assembleia geral o delibere por unanimidade de votos representativos de todo o capital social e poderão fazer suprimentos à sociedade mediante as condições estabelecidas em assembleia geral.

Sétimo — Em caso de penhora, arresto ou qualquer forma de apreensão judicial de quota poderá a mesma ser amortizada pelo valor que lhe caiba de acordo com o último balanço aprovado.

Oitavo — Em caso de morte de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sobrevivente e os herdeiros do falecido.

Nono — As assembleias gerais serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios com oito dias de antecedência.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL

Espinho e cartório notarial, 6 de Fevereiro de 1985.

O Ajudante do Cartório
José dos Santos Sil

NO PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA

Jerónimo Reis será homenageado

A homenagem evocativa da morte do Arquitecto Jerónimo Reis decorrerá no próximo fim de semana com um programa que se reparte nos dias de Sábado e Domingo.

A organização do programa está a cargo da Câmara Municipal de Espinho, que para o efeito «convida todas as Colectividades e a população em geral a associarem-se à homenagem a Jerónimo Reis, figura a todos os títulos relevante do nosso tempo, por ocasião da passagem do primeiro aniversário da sua morte».

PROGRAMA

Sábado, 9 - 3 - 85 (11 horas)

Sessão evocativa no Salão Nobre da Câmara;
Abertura da exposição fotográfica;

Apresentação de um opúsculo biográfico;
Anúncio de um Concurso de Poesia subordinado aos temas «Amizade» e «Amor à Terra Natal».

Domingo, 10 (11 horas)

Romagem a partir do largo da Câmara, com deposição de lápide na sua sepultura;

Inauguração da Praceta Jerónimo Reis;
Concentração na praceta de atletas e representantes das colectividades.

PCP comemora 64.º Aniversário

Assinalando a passagem do 64.º aniversário do Partido Comunista Português, a Comissão Concelhia de Espinho daquele partido, vai promover no próximo dia 9, pelas 19,30 horas, um jantar comemorativo, cujas inscrições encerram logo à noite pelas 22 horas.

Ainda integrado na passagem do 64.º Aniversário do PCP, a sua Comissão Concelhia vai organizar uma caravana automóvel, no próximo dia 10 de Março, com partida às 14 horas da sua sede, para um comício com a presença de Alvaro Cunha, em S. João da Madeira.

MDM assinala o 8 de Março

O Movimento Democrático de Mulheres (MDM) de Espinho juntamente com a União dos Sindicatos de Aveiro (USA), vai levar a efeito, no próximo dia 8 de Março, pelas 21,30 horas, uma festa convívio na Escola Primária do Souto de

Anta, junto à Igreja.

Para esta realização, que assinalará o Dia Internacional da Mulher, o MDM, conta com a colaboração do Teatro Popular de Espinho, uma secção da Coop. Nascente.

Casal de Reformados

Pretende-se para trabalho em «Part-time»
Os interessados deverão enviar resposta,
com identificação e condições, para o

APARTADO 188 — 4502 ESPINHO CODEX

MUNICÍPIO DE ESPINHO

CAMARA MUNICIPAL

EDITAL N.º 20/85

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faz público que no Diário da República II Série n.º 40, de 16 de Fevereiro de 1985, foi publicado o despacho do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo que declarou a utilidade pública e atribuiu carácter de urgência à expropriação das parcelas necessárias à execução do plano de pormenor da Zona situada a sul da Igreja de Paramos que abaixo se indicam:

PARCELA N.º 1 — Terreno de pinhal e cultivo, confrontando do Norte com Caminho, do Sul com António Dias Madalena Igreja e outros, do Nascente com José Alberto Aguiar de Sá Azeredo e do Poente com Caminho Público, com a área a expropriar de 11.300 m². inscrito na matriz predial rústica de Paramos sob o n.º 1684 e pertencente a ZAIDA DE AGUIAR SA AZEREDO:

PARCELA N.º 2 — Casa de habitação em ruínas e quintal,

confrontando do Norte com Largo da Igreja, do Sul com José Maria de Sá Fernandes, do Nascente com Propriedária do Poente com residência Paroquial, com a área a expropriar de 295 m². inscrito na matriz predial urbana de Paramos sob o n.º 377 e pertencente a ZAIDA DE AGUIAR SA AZEREDO:

PARCELA N.º 3 — Terreno de mato e pinhal, confrontando do Norte com Caminho, do Nascente com João Ricardo Pinto Romeira e Poente com Caminho, com a área a expropriar de 3.300 m². e inscrito na matriz predial rústica de Paramos sob o n.º 1011 e pertencente a ARMANDO VIEIRA DE SA e ARLINDO VIEIRA DE SA:

PARCELA N.º 4 — Terreno de mato e pinhal, confrontando do Norte com Zaida de Aguiar Sá Azeredo, do Sul, Poente e Nascente com Caminho, com área a expropriar de 1.800 m². inscrito na matriz predial rústica de Paramos sob o n.º 1012 e pertencente a FERNANDO DA ROCHA CARVALHO ALVES.

E para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados nos Jornais locais.

Espinho e Paços do Concelho, 22 de Fevereiro de 1985.

O Presidente da Câmara
Artur Pereira Bártolo

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Plano aprovado — Vamos às obras

De uma penada os deputados arrumaram toda a ordem de trabalhos. A isso não é alheia a falta à sessão de Jorge Carvalho, da APU, e Antenor Pereira, do PS, habitualmente os monopolizadores das sessões. E pronto, está aprovado o plano e o orçamento, não tendo aparecido a moção de censura que seria previsível perante as críticas dos deputados. Fernando Menezes da UEDS chegou a ter na mesa uma proposta nesse sentido, e motivada sobretudo por o Executivo estar já a pagar cotas à ANM (Associação Nacional de Municípios) sem que a Assembleia a ela tenha aderido.

DO DESEJADO AO POSSÍVEL

«Até eu votaria contra este plano de actividades» diria Bartolo. «Mas ele é o plano possível em face do dinheiro existente e a prová-lo está que nenhum deputado propôs que verbas deveriam ser alteradas, que obras deveriam ser feitas com maior prioridade que aquelas que constam do plano. A Assembleia ficou-se pelas recomendações que a Câmara poderá cumprir ou não conforme as disponibilidades. Ninguém queria fazer mais obras do que eu, mas os senhores deputados

não deram qualquer alternativa ao executivo».

E é um pouco assim. As recomendações foram muitas e importantes para as quais quase sempre se conseguiu a unanimidade ou grande maioria dos deputados, particularmente as vindas da APU.

As mortes que a estrada 109 já causou, sobretudo nos cruzamentos do Laranjeira em Silvalde, foram objecto de uma recomendação da UEDS para que a JAE seja responsabilizada por negligência. Sabe-se que esta vai proceder agora à sinalização da via, incluindo Augusto Gomes que se aproveitou para colocar qualquer protecção junto da ponte de Paramos (S.ª da Guia) zona onde os desastres se sucedem com muita frequência. Por recomendação da APU o executivo deverá fiscalizar com eficácia a feira semanal, não permitindo a permanência de vendedores em cima das passagens dos compradores.

Por sugestão de Domingos Bastos a outra proposta da APU para que seja arranjada a rua dos limites a norte (rio largo) e Câmara de Espinho e a de Vila Nova de Gaia deverão entender-se e procurar uma solução.

REUNIÃO DA CÂMARA

Junta de Anta quer fazer sede em escola da Câmara

A Junta de Freguesia de Anta solicitou à Câmara a cedência das instalações de uma escola ali existente, com vista à elaboração do projecto para a construção da sede social daquela junta de freguesia. Face ao pedido, o Executivo deliberou informar que «segundo os elementos de que dispõe não pode ainda apreciar a pretensão».

Este um dos assuntos tratados na sessão semanal da edilidade local, realizada na passada sexta-feira.

A junta de freguesia pretende aquela escola, a título gracioso, para aí poder instalar a sua sede. Face ao exposto, a Câmara pôs em dúvida o facto de poder vir a alinear o imóvel em questão, pelo que tomou a deliberação acima transcrita. Entretanto, a Junta teve ontem uma audiência com o Executivo Municipal para tratar precisamente deste assunto.

E.N. 109 VAI TER SINALIZAÇÃO EM BREVE

A Junta Autónoma de Estradas, informou a Câmara, através de ofício, «que vão ser iniciados os trabalhos para a colocação de sinalização na Estrada Nacional 109, em Silvalde, tendentes a reduzir a velocidade e a prevenir a existência de peões».

Esta uma notícia que já tardava, pois recorde-se que naquela artéria têm-se registado vários acidentes mortais, espe-

rando-se que as obras referidas venham a contribuir para que casos semelhantes não se voltem a repetir.

ABERTO CONCURSO PARA O PARQUE DE CASSUFAS

A Câmara também deliberou nesta sessão, aprovar o programa de concurso, bem como o caderno de encargos e abrir «desde já o concurso público para a adjudicação» da obra para a construção do parque de Cassufas.

A obra que está orçada em 22 mil contos, e à qual o Maré Viva já se referiu, em primeira mão, há quinze dias, está localizada na freguesia de Anta.

Sobre este assunto a Câmara deliberou também começar a proceder às diligências necessárias para a negociação dos terrenos anexos ao parque desportivo que ainda não são de sua propriedade.

★ 8 DE MARÇO ★

«CRIOU-O HOMEM E MULHER»

«Deus criou o Homem à sua Imagem, à Imagem de Deus o criou; criou-o Homem e Mulher». (Livro dos Génesis).

Cedo porém a mulher nos apareceu numa espécie de pacto com o Demónio, encarnando a tentação e misturando o seu próprio conceito com o da serpente que a mente dos homens — que acreditam ser a força do Bem — adorava «encantar». Algumas feministas têm afirmado que não foi por acaso que Deus nasceu homem, cá na Terra; tentam explicar que J. Cristo, na sua humildade, se fez homem porque estes seriam muito mais pecadores.

Engels liga a dependência da mulher ao aparecimento da propriedade privada; quando o homem reservou para si o primeiro palmo de terra, fez-se acompanhar de uma mulher que lhe gerasse os filhos e lhe assegurasse a continuidade da posse.

Durante os sécs. I e II, no

tempo dos primeiros cristãos, o acasalamento passou a ser um acto público, levando, como instituição que assim se tornava, à centralização e privacidade do acto sexual. Logo aqui, a mulher terá ficado também a perder, por mais que o cristianismo estivesse enraizado em conceitos de liberdade e igualdade.

Avançando, no tempo, a luta pela emancipação da mulher começou a tornar-se uma realidade no fim do século passado e entrou no séc. XX como facto inadiável. No Derby de 1913, Emily Davison tornava-se a heroína nacional das mulheres que em Inglaterra lutavam pelo direito de voto, ao suicidar-se debaixo do cavalo do rei, em plena corrida. No entanto, a luta das mulheres não seria somente uma luta de sufragistas; porque, se algumas tinham sido grandes artistas, cientistas, o mesmo não se passava com as de classe social mais baixa

que eram exploradas nas casas Senhoriais, e, a partir do séc. XIX, funcionavam como mão-de-obra barata; o salário de uma mulher era de 50% do de um homem. No entanto, tanto na Europa como na América, foi com estes salários mínimos que elas, garantindo a maior parte da produção, conseguiram fazer abalar o sistema Industrial do capitalismo.

A luta das mulheres colocava-se ao lado da dos explorados de cada país. Nos USA, elas estiveram ao lado dos escravos, exigindo a sua libertação. Greves, prisões, manifestações, marcaram a segunda década do séc. XX, o 8 de Março é uma dessas datas: quando se manifestavam pela redução do horário de trabalho (que em França fora reduzido para 12 horas diárias!) milhares de mulheres foram chacinadas pela polícia de Chicago.

Maré - Rua

Maré Viva saiu à rua com três questões:

— Sabe que se comemora no dia 8 de Março, o Dia Internacional da Mulher?

— Pensa que a vida da mulher é mais difícil que a do homem?

— O sexo feminino será inferior ao sexo masculino?

As respostas aqui ficam.



M.ª Natália e José Gomes 31 e 37 anos, costureira e pintor de automóveis

Ela: — Sabia que o dia Internacional da Mulher era a 8 de Março, mas não me tinha lembrado.

Acho que no fundo a vida das mulheres é mais difícil que a dos homens. Hoje em dia a mulher trabalha e também faz a lida da casa. Há maridos que ajudam, outros não...

Ele — O marido, porque é que não há-de ajudar? Se ajudar, já compensa a mulher...

Não acho que a mulher seja inferior.

Ela — Isso acho que não lhe compete a ele responder. Eu não me sinto inferior a nenhum homem. Claro que algumas mulheres têm pontos fracos...



M.ª Esperança, 33 anos, vendadeira

— Não sabia que era agora, mas sei que é a 8 de Março.

— Acho que sim. A mulher tem mais serviço, é mais sacrificada que o homem. Alguns ajudam, outros não...

— As mulheres valem mais que os homens; não são inferiores, são iguais.



Margarida Pais, 15 anos, estudante

— Sim, sabia que era a 8 de Março.

— A vida das mulheres é mais difícil que a dos homens? Aí se é... os homens têm a mania de ser machistas, que só eles é que podem fazer certos trabalhos, mas fazerem a lida da casa, nada...

— Penso que tanto o homem como a mulher têm os mesmos direitos.



Joaquim Abreu, 31 anos, profissional de seguros

— Não, não sabia. — Sim, acho que talvez as mulheres tenham mais dificuldades...

— Não acho que sejam inferiores. Isso, hoje em dia, está ultrapassado.



Alzira de Jesus, 55 anos, peixeira

— Não. — A vida das mulheres é tão amargurada. A gente quer dinheiro para comer e não tem. As filhas não têm emprego. Rapazes tenho dois em casa. Tudo desempregado. A vida dos homens é mais fácil. Para a mulher é que não há emprego nenhum.

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

FONSECA
TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes,

Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ☎ 724203 — ESPINHO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

É MENINA? DEIXA LÁ!...

É menina? Deixa lá...

— Anda cá, filha, não te sujes que ficas feia. Ela está tão bonita, a Mãe compõe o laço do caselinho da sua menina. Senta-te aqui ao pé de mim, brinca com a boneca, olha deitá-la na caminha para ela fazer 6-6.

Gostaste da mobília que o Menino Jesus te deu no Natal? Oh! tão amorosal Parece a sério, o fogãozinho... a louça, até uma panelinha de pressão. Que sorte que tu tens! Quando eu era pequena não havia nada disto, era uma bonequeta de trapos e com sorte.

Na escola tens que te portar sempre muito bem, obedecer à senhora. Não andes lá a correr, no recreio não te sujes. A Mãe vai esperar-te, não tenhas medo.

Que bom, já tenho quem me ajude. Vai pôr a mesa que o Pai está a chegar e ele não gosta de esperar. Não sejas refulona, tens de te habituar a fazer estas coisas. O teu irmão está a acabar de fazer os deveres, agora não pode e também, nada te custa. Acabas os teus depois de arrumarmos a cozinha.

Isto não pode ser, quando a menina sai da escola vem imediatamente para casa. Era só o que faltava, andar por aí na rua. Apanhar ar? Se tens falta de ar, vai até ao terraço, não andas por aí, sujeita a que um malvado te faça mal. Ainda és muito novinha, há muitos perigos, filha. Nem fazes ideia...

Não quero saber, não há mas nem meio mas. Convidas a Clarinha e a Rita e brincam as três no quintal. Também apanham sol e até é engraçado, mostra-lhes o jogo que o Pai te deu nos anos. Sei muito bem que não tens cinco anos, malcriada, mas, enquanto eu mandar em ti, é assim.

Queres ver? Não custa nada. Vais dobrando o pano, com a bitola medes, para ficar sempre igual. Não, não é cartola. Não sejas cabeça no ar! Como é que não interessa? Há lá coisa melhor que uma mulher saber arranjar as suas coisas. Qualquer dia és uma mulher e tens que saber fazer uma banhinha. O saber não ocupa lugar e... O rapariga, tens que alinhar a direito. Olha o dadal.

Agora és uma mulherzinha, tens que ter muito cuidado contigo. Não podes lavar a cabeça que é perigoso. Porquê? Bem, isso não interessa, acredita que já a Avó me dizia sempre para eu não tomar banho. Nem com as lanhanjas porque fazem muitas borbulhas.

Se o teu irmão quiser ir contigo, muito bem, se ele não estiver para isso, sózinha não vais. Que tem, as tuas colegas poderem ir? Isso é lá com os pais delas. No domingo vamos todos à praia. Também não é preciso esse exagero, não és nenhuma prisioneira, claro. Calá-te, ainda estás em boa idade de apanhar um estalo. Tu queres ver...

Pronto, o Pai diz que podes



Ir aos anos da tua colega. Vê lá como te portas e vem cedo para casa. Quando o teu irmão voltar do campismo deve estar a precisar de cortar o cabelo. Tu acampar? Ó rapariga, tem juízo.

Estamos muito contentes contigo, conseguires acabar os estudos sem perder ano nenhum, é muito bom. O Pai vai arranjar-te emprego lá no escritório, não ganhas muito mas dá para ires comprando o teu enxoval. Sempre ficas perto de mim, ainda vou tomando conta de ti. Não te rias, uma rapariga precisa sempre que tomem conta dela até casar. Não te queres casar? Isso dizes tu agora. Não te preocupes que o noivo logo há-de aparecer, és muito nova.

Eu sei que os tempos são outros e tu não és criada do teu irmão, mas nada te custa arrumar o quarto teu. Claro, rapaz, não tem tempo. Ora, podia mas não foi habituado. Tens a pouca vergonha de dizer que a culpa é minha? Eu, que me metei a trabalhar para vocês? Não sei onde vais parar com essas ideias!

Gostava de ir contigo, deve ser um passeio muito interessante mas sabes como é o teu Pai... e se ele não acha bem? Claro que não vamos fazer nada de mal mas sabes como são os homens.

Falo com ele, sim. Está bem, rapariga, prometo. Também me aborreço estar sempre aqui em casa sem nada para fazer. Aproveita tu, enquanto não tens nada que te prenda.

Tu gostavas de vir comigo a um teatro? Não me digas.

Logo hoje havias de ter essa reunião... Não, não estou nada amuada, pensas que sou um bebé ou quê? Vou agora convidar a vizinha Eduarda, para o marido dizer que eu ando a desinquietar a mulher, não? Acho que ela havia de gostar, é umas coisas do nosso tempo. Lá isso é verdade, não custa nada perguntar.

Tenho gostado tanto do livro que me deste, aquilo é mesmo a verdade do que se passa! Achas que ainda vai ser de outra maneira? Sei lá, filha, só se for no tempo dos meus netos. Para mim, se calhar até para ti... já não temos sorte nenhuma.

Estou tão contente por pensares em casar, ele é bom rapaz, trabalhador. Tens que ter paciência agora. Tu sabes, é um viver diferente, acaba-se a paródia. Ainda bem que pensas isso. Também não te quero escrava do teu marido, se ele te quiser ajudar, faz muito bem. Obrigação?? Há-de ser sempre a mesma! Não sei do que te ris, está bem, os tempos são outros!

Depois do bebé nascer venho ajudar-te. Não me digas que vais pôr o homem a lavar as fraldas? Bem, se dizes que já combinaram tudo, ainda bem. Só te digo que és uma felizada, quem me havia a mim de dizer que ainda podia ver um homem de barba a tratar do que faz falta numa casa! Abençoadas mãos! Claro, claro, ele trabalha e tu também. Isto já não é o que era. Ainda bem.

É menina? Que bom!
Maria dos Prazeres Rovisco

LEVE O TEMPO QUE LEVAR...

Imagine o leitor dois trabalhadores que se empregam na lavação, um recebe pelo seu trabalho 9 contos (é pouquíssimo, não é?) outro auferir cerca de 20 contos (também não é grande fartura).

Mas o que é isso de lavação? É uma fase do fabrico de rolhas, em que as tais rolhas apanham um banho de cloro a fim de serem lavadas e branqueadas.

O trabalho é o mesmo? É. Então qual a razão de uma diferença salarial tão acentuada? Não vai acreditar, mas a única diferença entre eles é que um é mulher e o outro é homem.

Na zona da Vila da Feira, a indústria corticeira concentra-se numa dúzia de grandes fábricas e espalha-se por muitas dezenas de fabriquetas de tipo familiar. São duas realidades muito diferentes, as fabriquetas compram matéria prima e fazem rolhas (às vezes basta um barracão nas traseiras, dois filhos crescidos e uma vizinha que precisa de ganhar algum) que vendem às grandes fábricas, a pronto ou a 90 dias. As empresas maiores vão desde o potentado económico que dita as regras do jogo ao patrão ambicioso que procura furar todos os caminhos, em comum têm a ânsia de lucrar o mais que lhes for possível. Para conseguí-lo há que aproveitar todas as oportunidades, e não nos estamos a referir aos grandes negócios da exportação.

Trabalham neste sector grande número de mulheres, na sua maioria com salários bastante baixos. Uma jovem precisa de

emprego, entra para uma fábrica, depois dos pedidos insistentes da avó e da tia que já trabalham ali há umas dezenas de anos, vai aprender e recebe um dinheirito, coisa pouca, que a moça é nova. Depois de uns anos de aprendizagem, a operária está em idade de ganhar mais e então a altura de o patrão a despedir. Começa o calvário dos contratos a prazo, se a trabalhadora está mais que três anos na mesma empresa a lei obriga a que se torne efectiva, então é despedida antes desse prazo. Em cada fábrica onde entra, a repressão é sentida. Ouvimos dizer que os patrões são alérgicos a activistas sindicais e alguns não gostam que as operárias fiquem grávidas, tratam de as despedir antes de que a mulher usufrua o "imenso privilégio" dos três meses de parto.

Mas vamos adiante, continuemos a seguir este percurso. A maioria das mulheres é encaminhada para os trabalhos com piores salários, escolhedoras, por exemplo. Uma escolhedoras deve vistoriar mais de 20.000 rolhas por dia e separá-las pelas diversas alcóofas que são 3,4 até 8 conforme as encomendas. Ganham cerca de 16 contos. Só há algum tempo foi conseguida pelas jovens a possibilidade de entrar em categorias antes reservadas aos homens.

Ficou com uma ideia, sabemos que muito geral, sobre as condições de trabalho das operárias corticeiras.

E os trabalhadores? E o sindicato? perguntará o amigo leitor.

Falámos com Maria Alice

Pereira, a única mulher da direcção do Sindicato. Esta operária trabalha há trinta anos na indústria da cortiça e conhece bem o seu ofício, começou ainda menina pequena ensinada pela mãe.

Qual é a vida de Alice? Levanta-se às cinco e meia da manhã para fazer o almoço que leva para a fábrica. Por vezes aproveita uns minutos antes da entrada para falar com colegas, pois, uma vez lá dentro, todos os pretextos servem para lhe criar dificuldades.

Descansam dez minutos às 10 horas e a hora do almoço passa depressa, mais dez minutos às quatro da tarde e às 6 horas é a saída. As mulheres saem apressadas para ir buscar os filhos que levantaram de madrugada, ficaram com avós ou mulheres desempregadas, os maiores na rua desde que saíram da escola. Alice não tem filhos, mas tem um quintal que precisa de cultivo, os pais, a sua prática religiosa e a actividade sindical.

Ser dirigente sindical não é fácil, sobretudo para uma mulher. Enfrentar todos os preconceitos, lutar contra a injustiça, ignorar as ameaças exige uma vivacidade e determinação que Alice tem. Sendo mulher, ouve muitas vezes: «As mulheres não é para andar no Sindicato», «Manifestações? Isso é para os homens». Enfim, essas coisas que procuram afastar as mulheres da luta pelos seus direitos.

O exemplo que demos no início, dos dois trabalhadores da lavação, é extremo embora real. A diferença salarial não é sempre tão acentuada mas existe. Agora, preste a negociar um novo contrato colectivo, conseguirão as trabalhadoras

que lhes seja reconhecido o direito à igualdade nos salários? Ou os patrões, na sua ambição descomedida, continuarão a argumentar com as idas ao médico, a maternidade, a assistência à família, tudo «defeitos» de que as mulheres se não conseguem livrar.

Disseram-nos que um representante da Associação dos Industriais se congratulou com o dinamismo do sector, a exportação vai muito bem, o que é óptimo para o país. E os lucros? Que pergunta indiscreta!

As operárias corticeiras trabalham muito e bem, olhem as vivendas e os carros... dos patrões, claro. Em Lourosa as mulheres cantavam:

Lutamos pela igualdade
Mundo novo a construir
Leve o tempo que levar
Havemos de conseguir.

Maria dos Prazeres Rovisco
e Maria Antónia Bacelar

SENHORA (MÉ)

Toma conta de crianças,
ocupação de tempos
livres

TELEF. 721583

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho ANÚNCIO

TORNA-SE PÚBLICO que no dia 18 de Março de 1985 pelas 10 horas à porta deste Tribunal e nos autos de Execução Ordinária n.º 126/80 em que é exequente A COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — E. P. com sede em Lisboa e filial na Praça Almeida Garrett, n.º 33 a 35, Porto e executada «STAND BARROS» de Joaquim Barros de Oliveira, comerciante, residente na Av. 24 n.º 205, Espinho, será posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor constante dos autos o DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO do estabelecimento «STAND BARROS» de Joaquim Barros de Oliveira, instalado na fracção U do artigo 2924 do prédio em regime

de propriedade horizontal, sito na Av. 24, n.º 205, Espinho, do qual são senhores Manuel Gomes Pereira e esposa Margarida Isolina de Oliveira residentes em Venezuela representados pelo procurador Fernando Domingues Rodrigues de Almeida, casado, residente na Av. Salazar, n.º 392, Praia da Granja, S. Félix da Marinha, Vila Nova de Gaia, tendo sido indicado como valor base para arrematação o de 400.000\$00.

Espinho, 18 de Fevereiro de 1985.

O Julz de Direito
Joaquim Costa de Morais

A Escriiturária

Maria Teresa Pinto de Almeida
Pedro

CARTAZ

PORTO

— Parece ser este o grande acontecimento da semana que, para os leitores do MARE VIVA, estará presente Atahualpa Yupanqui, de 77 anos, um dos grandes nomes da música popular Argentina. Conhecido em Portugal há largos anos, através da etiqueta «Le Chant du Monde», a sua vinda estimulará, acreditamos, o lançamento de algumas das suas obras. Mas não compre por ser da «bom tom». Prj-meiro, vá ao Porto no sábado ver se gosta. Bilhetes, para já, à venda no «Mundo da Canção».

— Também no sábado, mas desta feita às 17,30, a Orquestra Sinfónica do Porto e o Orfeão da Madalena sugerem-lhe a audição de peças de Mozart, Haydn e Haendel no Auditório Nacional Carlos Alberto.

— Já a decorrer desde o passado dia 1 e prolongando-se até 15 deste mês, está patente no Mercado Ferreira Borges, no Largo do Infante, a Exposição do Ensino Básico, organizada pela respectiva Direcção-Geral.

TELEVISÃO

— Nunca será demasiado insistir na boa qualidade do programa de David Attenborough, aos domingos, às 18,30, no programa 1. Até porque, na semana passada, esquecemo-nos de dizer como se chama: o «Planeta Vivo».

— Na 1, quintas-feiras às 21,00, e na 2, sextas feiras às 20,45, podem ver, respectivamente, o «Som Directo» e o «Clube de Jazz». O primeiro para os agrupamentos e cantores portugueses, o segundo, como é claro, para o jazz, de cá e lá.

RÁDIO

— Todos os sábados, no FM Estéreo da Rádio Comercial, entre as 20 e as 21,00, só ganha se ouvir um dos programas radiofónicos em que o inesperado e o prazer andam com mais frequência associados: trata-se do «Blues Index», com realização de Rui Morrison, que, com boa música e bons intérpretes, faz, não só alguma história dos «blues», mas do contexto social em que essa música nasceu e cresceu.

— Na quarta, dia 13, às 21,00, pode ouvir no programa 2 da RDP um dos grupos mais importantes da música contemporânea, o qual nos habituámos a chamar de portugueses, trata-se do Opus Ensemble, constituído por Ana Bela Chaves, Olga Prats, Bruno Pizzamiglio e Alejandro Oliva. Tocam, desta vez, peças de Haydn, Giuliani e Weber.

RIFAS DA NASCENTE

3.ª SEMANA — 28 - 2 - 85

093 — Maria de Fátima A. M. Abrantes	5.000\$00
193 — Limiano Santos Marques	500\$00
293 — Zacarias Pestana	500\$00
393 — Maria Luíza G. Silva	500\$00
493 — Nuno Teixeira	500\$00
593 — José Oliveira Salvador	500\$00
693 — José Manuel Faustino	500\$00
793 — Gabriel Silva	500\$00
893 — Teresa Conceição A. Ribeiro	500\$00
993 — Licínio Abelha	500\$00

«Vamos ao Sonoro»?

Há semanas e esta é uma delas, em que apetece variar de tema face a uma certa desolação do panorama. Não havendo oportunidade para grandes destaques e considerações subjacentes, tentamo-nos a transpôr fronteiras. No Porto, aqui mesmo ao lado, não há uma quantidade apreciável apesar das dezanove salas de espectáculo existentes, mas sempre aparecem títulos mercedores da nossa atenção. Com solilicência particular para o último Woody Allen («Broadway Danny Rose») e para «O Amigo de Alex», sem menosprezar a «Estrada de Fogo» e «A Mulher Pública» e sem deixar de conceder o benefício da dúvida à dupla encapotada na améola dos Oscars de Hollywood: «Terra Sangrenta» e «Passagem para a Índia». Quando será possível ter esta meia dúzia, entre outros que já passaram pela capital nortenha, cá pelo burgo dos nossos amores?

8 a 14

SOLTEIROS E TARADOS

M/12 anos

Não constitui novidade para ninguém! Com o ambiente que se vive, com a falta de habitação acessível e de emprego (a par de outros despantários), como não haveriam de existir solteiros atormentados? Para não falar nos casados, também senhores de taras, neurais e quejandos.

MEIA NOITE

7

ASSASSINOS DE ELITE

NA M/18 anos

Sam Peckinpah é, normalmente, identificado com filmes de violência exacerbada e de denúncia de certas mazelas sociais, suscitadas pela conquista e defesa do poder. Mas não será por evitar a habitual exuberância que esta história, sobre agentes «tipo CIA» em maré de «protecção» a um político revolucionário, não ganham os favores dos especialistas. Quando se visa um alvo e se erra o tiro, não há que esperar por aplausos...

8

SLITHIS, O MONSTRO

—NA M/18 anos

Resíduos nucleares geram um ser horrórico e destruidor, capaz de lhe aparecer dentro da

PROBLEMA

N.º 102

1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	A	R	E	O	P	I	L	A	S		
2	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
3	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
4	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
5	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
6	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
7	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
8	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
9	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
10	A	L	E	O	P	I	L	A	S		
11	A	L	E	O	P	I	L	A	S		

HORIZONTAIS

- 1 — São-no as tempestades.
2 — Meio airdo; é uma bela praia nortenha. 3 — Arrancas-sem; onde. 4 — Entusiasmo; confiei; pula sem princípio. 5 — Símbolo do bário; baixelas. 6 — Carga de carro. 7 — Jantarada; isolado; terra de Abraão. 8 — Que não está escrito; trepei. 9 — Suavize; corrente de água. 10 — 4 romanos; albergadas. 11 — Camareiros; um gosto no meio de dissabores.

VERTICAIS

- 1 — Onde se vendem cigarros. 2 — Navalha; no meio da pega; assiti. 3 — Saca; face. 4 — Época, asneiras. 5 — Fasquias. 6 — Colocas. lazer. 7 — Consequências; prende. 8 — Órgão excretor; ferros temperados; elas. 9 — Andar; traz; tecl. 10 — Artigo antigo; estas palavras cruzadas não são assim, pois não, Rogério? 11 — Em Espinho há três.

SOLUÇÃO PROBLEMA N.º 101

- HORIZONTAIS — 1 — Fevereiro. 2 — Is, Ió, Ilmpe. 3 — Aela, Piaf. 4 — Sorvete, Noé. 5 — Promessa. 6 — Arou, acorri. 7 — Xis, traíam. 8 — Im, raer, ame. 9 — Lixo, mal, an. 10 — Ariano, U. 11 — Assustarão.

- VERTICAIS — 1 — Fias, axila. 2 — És, oprimira. 3 — Arros, xis. 4 — Elevou, roas. 5 — Rolem, tá, nu. 6 — Ateamos. 7 — Il, escara. 8 — Rip, sôr, loa. 9 — Ominaria, RR. 10 — Pão, rama. 11 — Deferimento.

chávena do café, em qualquer mictório público ou no ecran a ser entrevistado pela Margarida Marante. Ponha-se a paul

9

A PRIMEIRA NOITE

M/13 anos

Um estudante universitário, inexperiente e desorientado, vai cair nos braços duma respeitável senhora, por sinal mãe da namorada. Um esquema algo subversivo e provocatório para a época (anos sessenta), a desferir golpes no espírito do patriarcado, dominante na sociedade americana. Mas, para não chocar em demasia, restabelece o equilíbrio no final do filme! Destaque para as interpretações de Dustin Hoffman e Anne Bancroft, sem esquecer o tema musical da autoria da dupla inescrutável: Simon e Grafunkel («Hello Mrs. Robinson»).

MANHÃ INFANTIL

10

PARADA DE ESTRELAS

Apesar dos objectivos nitidamente comerciais que presidem à exploração das personagens do mundo Disney (Mickey, Pat Donald e companhia), é impossível negar a qualidade das técnicas de animação utilizadas e esquecer a influência que esta escola tem exercido, no ponto de provar o nosso próprio imaginário.

VOLEIBOL

Nacional da 1.ª Divisão

Tigres com garras muito afi(n)jadas

Neste fim de semana o SCE disputou mais dois jogos do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, tendo somado mais duas vitórias.

SCE, 3 — Leixões, 1
Parciais: 15-5 (16m); 15-1 (12m); 12-15 (21m); 15-2 (22m).

Arbitros: Luis Espinhaço e Albino Simões.

SCE, 3 — Esmoriz, 0.
Parciais: 15-7 (15m); 15-5 (14m); 15-10 (23m).

Arbitro: Marcelino Tavares.

SCE — José Cadete, Fernando Tomás, Fernando Castro, Carlos Queirós, Filipe Vító, João Maduro, Filipe Ferreira, Jorge Martins, António Pinto, Paulo Lemos, Wladislaw Krusta e Vitor Coelho.

No primeiro jogo, disputado contra o Leixões, com o pavilhão completamente cheio, os espinhenses não deram hipóteses ao adversário.

Tendo realizado uma excelente exibição, os locais, não tiveram dificuldades em vencer este jogo, o que aliás está bem expresso nos resultados parciais.

Com uma defesa baixa de muito bom nível e um bloco quase intransponível, o SCE, pode desenvolver esquemas de bom voleibol, com excelentes jogadas de combinação entre Krusta, Vító e Coelho, ao que o adversário não pode, contrapor, por manifesta inferioridade, com excepção feita ao terceiro set.

No segundo jogo, os tigres voltaram a apresentar um voleibol rápido e eficiente, não dando hipóteses aos homens da Barrinha, que ainda ostentam o título de Campeões Nacionais.

Numa apreciação final a equipa do SCE, o que mais nos impressionou foi a forma coesa como joga, com o senão de perder muitos serviços.

Os árbitros dirigiram calmamente as partidas, realizando bons trabalhos.

ESCOLA DE PATINAGEM

Não há sementeira que resista

A escola de Patinagem da AAE conta com cerca de 100 alunos dos quais 25% são raparigas. Funciona a partir das 14,30 horas, aos sábados, tendo dois responsáveis pela parte técnica e três elementos a ela ligados, que tratam dos assuntos restantes, e à qual já se dedicam há alguns anos a esta parte. A intenção desta escola é tanto a formação e ensino na patinagem, com vista à renovação dos atletas não só do hóquei nos diversos escalões etários, como também possibilitar no sexo feminino o desenvolvimento e o interesse para um possível acesso à patinagem artística.

Nota-se por parte das camadas jovens um interesse positivo que registamos com agrado. Os responsáveis pela escola de patinagem, segundo nos informaram, «desenvolvem há anos uma acção de criação de atletas, e lamentam muito profundamente que nem todos os clubes procedam de igual forma e se limitam à colheita dos nossos frutos, que por vezes equivalem a um esforço e a um dispêndio da nossa parte da qual, por razões sobejamente conhecidas não chegamos a colher, como era justo, as vantagens por que tanto lutamos. É nosso pensamento que as entidades superiores deveriam criar um estatuto de salvaguarda aos que em prol de uma das modalidades que mais prestígio tem dado ao País em todo o Mundo, chegando-se a ver equipas destruídas apenas por insuficiência financeira e não técnica».

Os alunos desta escola pagam apenas 50\$00 para iniciar uma modalidade tão querida e por vezes desprestigiada como é o hóquei em patins ou a Patinagem Artística.

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C

TELEF. 720584

SNACK - BAR
MARISQUEIRA
RESTAURANTE

"SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeirada, Açorda
de peixe, Bons vinhosRua 2 n.º 1355 — ESPINHO
Telef. 720091

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR

DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

Clube Académico de Espinho

Assinalando o seu 28.º Aniversário



Instalado em sede própria na av. 8, com uma renda de 5 mil escudos, esta agremiação vive essencialmente do trabalho voluntário das muitas pessoas que vão passando pela casa. Dentre todas elas apenas uma é remunerada, o massagista.

As receitas necessárias à vida do clube provêm de subsídios oficiais, que, desde Abril até à data, apenas atingiram o montante de 400 contos, da quotização dos seus sócios e de rifas. Mas, apesar de contar com tão escassas receitas, o clube já movimentou, desde o mês acima referido, cerca de 3 mil contos. «Para podermos trabalhar com esta soma, diz-nos o seu Presidente Américo Freitas, tivemos que bater e muitas portas, tendo 95 por cento das pessoas correspondido ao nosso apelo, porque a colectividade é um clube bastante adulto, com responsabilidades, o que nos obriga a estar atentos a todas as despesas. Mas já se começa a verificar uma certa saturação por parte das pessoas». E acrescenta Américo Freitas, «a situação financeira não é preocupante, mas também não é muito boa».

Este o panorama do clube, na altura em que se prepara para levar a cabo as comemorações dos seus 28 anos de vida. Para isso já existe um programa delineado, que procurou incluir todas as modalidades que se praticam no Académico. As festividades iniciam-se já no próximo dia 9, com o hastear da bandeira e uma reunião com todos os atletas, pelas 21,30, e terminam no dia 12 de Abril, com um jantar para atletas, sócios e simpatizantes, cujas inscrições se encontram abertas na sede. Destacamos ainda, a inauguração de novas instalações, no dia 15, pelas 21,30 horas, que compreendem um balneário e um posto médico, as provas de atletismo a realizar no dia 17 pelas 9 horas, um colóquio desportivo, dia 21, na piscina, convívio da pesca desportiva no dia 30, provas de ciclismo no dia 31 e um jogo de futebol no dia 6 de Abril com o Brexo Lema S.D., de Espanha.

No final da nossa conversa com Américo Freitas, ele confirmou-nos de facto a sua intenção de não continuar a presidir aos destinos do clube, devendo permanecer no entanto até ao final do ano. Sobre este assunto, o presidente do CAE revelou-nos: «Não posso deixar de afirmar que o presidente da Assembleia Geral já me contactou para continuar até ao fim do ano, o que ainda é um caso para pensar, mas o meu intento é arranjar um substituto para evitar a minha permanência até essa data».

O Clube Académico de Espinho vai assinalar no próximo mês de Março o seu 28.º Aniversário.

Com cerca de uma centena de atletas, distribuídos por modalidades como o futebol, o atletismo, a pesca desportiva e o ciclismo, o CAE desde há muito tempo que conquistou o lugar de terceiro clube desportivo da cidade, depois do SCE e da AAE.

ATLETISMO, um dos pratos fortes das comemorações

Um dos pratos fortes destas comemorações, será a prova de atletismo que se realiza no próximo dia 17 de Março, a partir das 9 horas da manhã.

Apenas destinada a clubes e atletas populares e escolares,

a 500 atletas». Sobre os possíveis gastos que uma prova do género sempre implica, Artur Faustino disse-nos que «até ao momento ainda não dispndemos um tostão, devido ao grande apoio que obtivemos do co-



esta prova terá várias corridas de atletas masculinos e femininos. Assim, em masculinos, atletas até aos 12 anos correrão 2.000 metros, dos 13 aos 16 4.800, dos 17 aos 34, 8.000 e veteranos (a partir dos 35 anos) percorrerão a distância de 6.400 metros. Em femininos, até aos 13 anos correrão 2.000 metros, 14 em diante, 4.800 e veteranas, 2.000 metros. O percurso a percorrer será entre a Av. 8, rua 25, avenida 2, rua 41 e avenida 8. As inscrições serão grátis e decorrem até ao próximo dia 15, na sede do Académico.

Sobre esta manifestação desportiva conversamos com o responsável da secção, Artur Faustino. Este começou por nos afirmar que «se tudo correr bem, esperamos a presença de 400

mércio e da indústria local, onde fomos bastante bem recebidos. Mas, se tivéssemos que dispôr desse dinheiro, nem 100 contos chegariam para a organização pelo facto de não levarmos dinheiro pelas inscrições o que não acontece com a maioria dos outros clubes».

Os prémios para os vencedores repartem-se entre taças para equipas que ocuparem os cinco primeiros lugares da tabela classificativa e os atletas vencedores receberão prémios particulares, bastante valiosos, que estarão em exposição na próxima 6.ª feira, no Sofal.

O Clube Académico de Espinho, que tem obtido bons resultados em todas as provas em que tem participado, estará representado pela sua secção, com cerca de 30 atletas.

ANDEBOL FEMININO

Um jogo que ficou por realizar

Ao mesmo tempo que se disputava o jogo de Voleibol entre o Espinho e o Esmoriz, um outro encontro, este de andebol feminino, cuja prova o clube local igualmente lidera, deixou de se disputar.

«Marcados os dois jogos para a mesma hora, no mesmo recinto, um deles teria naturalmente que ficar prejudicado. E segundo alguns dirigentes espinhenses, disputou-se o de voleibol porque «o pavilhão está impraticável para o andebol».

A reportagem do «Maré Viva» estava lá, viu que de facto havia tacos levantados, mas também registou que António Canelas, treinador da equipa sénior feminina que ali deveria jogar com o Académico, não era um homem satisfeito com esta situação. «Lamento profun-

damente o que está a acontecer», disse-nos. «Um responsável do Esmoriz disse-me que não comparecia porque não se lhes tinha pedido para adiar o jogo deles por uma hora. Mais tarde tomarei uma posição, depois de ouvir a opinião das atletas».

Ouvimos também o Presidente das actividades amadoras, que nos garantiu que «o jogo de voleibol não se disputaria aqui se o pavilhão estivesse em condições para o andebol. Tivhamos intenção de lo transferir para o pavilhão da Académica, o que já não é a primeira vez».

Sobre a possibilidade de o Sp. Espinho não vir a perder este encontro, falta de comparência, o Presidente das amadoras acrescentou: «ainda não se sabe. O árbitro agora vai fazer o seu relatório e tudo dependerá da Federação».

António Natário no Mundial de Cross

António Natário, atleta do SCE, estará presente no Campeonato Mundial de Cross, em Atletismo, que se realiza no próximo dia 24 de Março em Lisboa, disse-nos o seu treinador Jorge Ramiro.

O atleta espinhense, o terceiro a participar em campeonatos do mundo depois de António Leitão e Victor Hugo, fará parte da selecção Nacional de Juniores em virtude do excelente 4.º lugar que tirou nos Campeonatos Nacionais de Corta-mato, disputados este fim de semana em Troia. António Natário, segue já na próxima 5.ª feira para Lisboa para se integrar no estágio da equipa nacional de juniores.

Entretanto o SCE também esteve presente nesta prova disputada em Troia, onde obteve os seguintes resultados:

JUVENIS MASCULINOS — 14.º Carlos Pinto; 43.º João Lopes 65.º Francisco Moreira. Por equipas: 6.º classificado.

JUNIORES MASCULINOS — 4.º António Natário; 35.º João Almeida; 73.º Paulo Maia; 77.º José Sá; 94.º Augusto Aluai; Por equipas: 5.º classificado.

JUNIORES FEMININOS — 12.ª Alice Couto.

SENIORES MASCULINOS — 27.º Augusto Rachão.

FUTEBOL

ESPINHO, O - MARCO, O CASTIGO MERECIDO

Jogo no Estádio da Avenida (Espinho).

Árbitro: Ribeiro dos Santos (Vila Real).

SCE — Rui; Jaime, José Augusto, Freitas e Eliseu (Dario 45m); João Carlos (José Fernandes 74m), Carvalho e Manuel Jorge; N'habola, Oliveira e David.

Marco — Rui; Cardoso, Barbosa, Pinho e Trinta; Eoares (Simões 68m), Pinto, Valente e Berto; Mundinho (Pantene 76m) e Quim.

Perante uma defesa visitante bem organizada, os espinhenses tentaram arranjar soluções práticas para inaugurar o marcador, o que não veio a acontecer durante todo o encontro.

Os locais ainda dispuseram de algumas oportunidades de golo, que foram desperdiçando, principalmente, por David aos 4 minutos e por N'habola, completamente sozinho a 3 metros da baliza, quando iam decorridos 10 minutos.

A medida que o tempo ia passando e muito embora os espinhenses continuassem a pressionar o último reduto do adversário, o jogo foi perdendo

qualidade. Entretanto o prêlo foi-se arrastando até que aos 39 minutos, os locais desenvolveram um rápido contra-ataque pelo lado esquerdo, onde apareceu David a centrar com conta peso e medida, mas João Carlos atirou a razar o poste. Mesmo em cima dos 45 minutos, Carvalho teve um potente remate de fora da grande área e quando já os adeptos espinhenses se preparavam para festejar o golo, Rui, com uma espectacular defesa, conseguiu manter o nulo na sua baliza.

Por sua vez, os jogadores do Marco não apouqueram o guarda redes local.

Na segunda parte, conforme o tempo ia passando o jogo ia perdendo qualidade, ao ponto dos adeptos locais começarem a voltar a sua equipa.

Finalmente aos 64 minutos, o golo esteve mais uma vez a surgir, mas Rui de novo o evitou com espectacular defesa.

O técnico espinhense ainda fez uma substituição mas nada se alterou.

Boa arbitragem do trio vindo de Vila Real.

FUTEBOL POPULAR 11.ª Jornada

RESULTADOS

SÉRIE B

Cantinho, 3 — Esperanças, 0; Académico, 3 — Silvaldinho, 1; Sp. Esmojães, 5 — Guetim, 2; Ag. Anta, 3 — Magos, 1.

LISTA DOS MELHORES MARCADORES A 10.ª JORNADA

António Oliveira — Idanha 12; José Ganso — Leões 12; Carlos Rodrigues — Ag. Bairro 10; Magano — R. Largo 8; José Silva — Ass. Esmojães 8; Mário Oliveira — Esperanças 6.

SÉRIE A

Leões, 4 — Ag. Paramos, 1; Idanha, 0 — Qta. Paramos, 1; Ass. Esmojães, 3 — Belenenses, 2; Ronda, 1 — Estrelas, 0; Cruzeiro, 5 — Ag. Bairro, 0.

RAICA

PRONTO A VESTIR
INSTITUTO DE BELEZA

Marçoções 728
telefone 722896

Crédito Gratuito

Rua 62 n.º 101 - ESPINHO

A. Moreira da Costa

CLÍNICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218
2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695
3.ª feira

INTEGRAÇÃO NA EDP — MAIS DEVAGAR

A adesão à Associação Nacional de Municípios veio a confirmar-se com os votos conjuntos do PS-PSD-CDS apesar das dúvidas levantadas por Fernando Menezes que pôs em causa as vantagens em tal adesão para o concelho. Teixeira Lopes consideraria que a ANM está governamentalizada e a sua democraticidade está em causa.

«Espinho fará em relação à integração na EDP o que os concelhos da área metropolitana do Porto, como Valongo, Gaia, Gondomar, Maia fizeram já que a população de Espinho não deve pagar mais do que os outros. Esta a posição do Presidente da Câmara, quando sobre proposta da UEDS se pretendia saber que pensa o executivo perante as consequências

da integração compulsiva na EDP, por recente deliberação do Conselho de Ministros.

A proximidade de novos concursos para a Câmara, três terceiros oficiais e um telefonista, serviram de base a uma recomendação da APU para que qualquer nova admissão de funcionários seja feita de forma transparente, isenta de forma a não levantar suspeitas como aconteceu para o concurso que tanto deu que falar de admissão de pessoal para o balneário marinho. Que não aconteça «que haja pessoas empregadas que se desempregaram para ir para a Piscina, enquanto outros que estavam desempregados assim continuaram» alertaria Fernando Fernandes, Presidente da Junta de Anta.

Aliás outro Presidente de Junta esteve em foco. Trata-se de Joaquim Sá, de Guetim, a quem a Assembleia pede que compareça a fim de esclarecer as dúvidas que uma recomendação do PSD levanta sobre a falta de prestação de contas e de apresentação de planos de actividade daquela freguesia.

Duas propostas de Noronha do PS teriam vencimento e respeito à organização de um concurso de montras e da realização de uma feira de antiguidades. Para discussão pública e recolha de sugestões ficou a possível integração de Espinho na área metropolitana do Porto, ou por outras palavras a sua integração no Porto em detrimento de Aveiro.

Guetim em foco na última Assembleia Municipal

Torna-se urgente que o Presidente da Junta de Freguesia de Guetim, Joaquim Sá, a quem a Assembleia reconhece elevada competência, que muitas vezes foi o escolhido para a representar, e que teve na última sessão todo o benefício da dúvida generalizada das bancadas e sobretudo os seus colegas Presidente das juntas de Anta e Paramos, em relação às acusações que uma recomendação do PSD aponta, diga de sua justiça.

Não quiseram os deputados (quanto a nós bem) discutir a recomendação do PSD sem permitir a Joaquim Sá a sua defesa. Aliás Cavacas do PS foi mais longe, alertando a Assembleia que os deputados não são juizes e não têm competência para intervir nos assuntos de outro órgão democraticamente eleito. As acusações são graves, e as ilegalidades de um

órgão autárquico se existem devem ser esclarecidas. Joaquim Sá, como primeiro responsável da Junta de Freguesia de Guetim tem a palavra na próxima sessão e é necessário que o faça, é o pedido dos deputados.

RECOMENDAÇÃO DO PSD

Considerando que a Junta de Freguesia de Guetim não presta contas desde 1977, não apresentou nem fez aprovar o seu plano e orçamento para 1984, nem, até hoje, o plano e orçamento para 1985, recomenda-se:

a) Que, na distribuição das verbas para as Freguesias, se leve em consideração este atropelo à legalidade e, por tal motivo, use os seus poderes no sentido de negar à Junta de Freguesia de Guetim qualquer subsídio até que seja dado cumprimento ao estabelecido na lei.

PODER LOCAL

Aprender com os erros nacionais

continuação da página 2

governos — vêem naturalmente diminuída a sua capacidade de fiscalização sobre o Executivo: veja-se o que tantas vezes aconteceu recentemente entre nós, com as direcções do PS e do PSD (no Governo) a «obrigarem» os militantes do PS e do PSD (no Parlamento) a votarem de acordo com os «superiores interesses da coligação», independentemente de ser esse ou não o sentido mais profundo de cada um dos deputados eleitos em representação de tantos eleitores de tantos distritos.

Este problema obriga a alguma reflexão, «mutatis mutandis», quando se atenta agora naquela que tem sido a mais falada hipótese de alteração do sistema eleitoral para as autarquias locais: a formação de executivos homogéneos, mono-partidários ou de coligação, nas câmaras. Segundo esta ideia, as câmaras ganhariam em operacionalidade, não se obrigando permanentemente a discussões «parlamentares» — as quais ficariam, então, apenas para as assembleias municipais, com representação proporcional dos diversos partidos concorrentes às eleições.

O facto de os executivos camarários serem, até à data, formados proporcionalmente, se tem dificultado, ou demorado a

implementação de algumas decisões, tem também permitido uma certa fiscalização da gestão pública, tanto mais relevante quanto se sabe que, infelizmente, as assembleias municipais espalhadas pelo país são muitas vezes inoperantes. E, de um ponto de vista de pedagogia democrática, convirá também salientar que nem sempre a participação de forças minoritárias numa Câmara se esgota nessa acção fiscalizadora: abundam exemplos de colaboração, no espaço local, entre forças que constantemente se afrontam no espaço nacional, como abundam exemplos de táticas coligações locais (dependentes de dinâmicas muito próprias) que, transpostas para o todo nacional, seriam heresias das mais combatidas...

Serve isto tudo para dizer que, não se rejeitando à partida a hipótese de constituição de executivos homogéneos para a gestão municipal, se deve simultaneamente acautelar (e aperfeiçoar) os mecanismos que garantam a sua fiscalização e, mais que isso, que assegurem de facto a participação de todos os cidadãos — assim eles o queiram — no acompanhamento dos destinos locais. Responsabilidades acrescidas para as assembleias municipais seriam, neste caso, algo de elementar — o que significa igualmente um conjunto de condições de

funcionamento e, digamos, um prestígio que nem sempre tem sido apanágio delas.

De outro modo, poderemos chegar precisamente à situação que tanto se critica no plano nacional: um Parlamento, só porque lá detém a maioria (e a maioria, concedendo direito a governar, não dá direito a fazer-se pura e simplesmente o que se quer; é por isso mesmo que há poderes distintos e independentes, que há órgãos de representação proporcional). Se, precisamente, se discute hoje em dia a necessidade de melhorar o funcionamento da Assembleia da República, aproximando-a dos eleitores e «distanciando-a» (para bem da democracia) de tutelas partidárias ou governamentais, não deve cair-se no erro de, sem mais, transpor o esquema nacional vigente para as autarquias locais de amanhã. Há que aprender com os erros. E, se aprofundássemos as diferenças enormes entre poder nacional e Poder Local, poderíamos talvez ir ainda mais longe na descoberta de modos de funcionamento que, na dimensão autárquica, proporcionassem uma real — e intensa — colaboração dos cidadãos na gestão da sua coisa pública. Mas isso, em parte, foi chão que deu uvas...

Joaquim Fidalgo

Carvalho e Sá insurge-se contra afirmações de Américo Padrão

O vereador da Câmara de Espinho, Carvalho e Sá, insurgiu-se na passada reunião da edilidade, decorrida na sexta-feira, contra afirmações proferidas pelo Presidente do SCE, em entrevista ao «Jornal de Notícias», chegando mesmo a sugerir o procedimento judicial contra Américo Padrão.

Na entrevista concedida àquele matutino da cidade do Porto, o Presidente do clube local referiu a dado passo: «Não aceito a vinda de fora de um sr. urbanista para dizer que não podemos construir uma torre de 12 andares (...). Este sr. urbanista está a fazer pouco das pessoas desta terra, a culpa não será dele, sim de irresponsáveis da Câmara que já o deviam ter mandado embora à muito, porquanto o dito sr. tem atrofiado a nossa terra».

Carvalho e Sá começa por classificar estas afirmações «abusivas e caluniosas», para mais adiante, referindo-se ao urbanista da Câmara, afirmar que «do ponto de vista legal e até deliberação em contrário, merece a confiança da Câmara, pois, como sabem o plano de urbanização de Espinho foi aprovado pela Câmara e terá de ser res-

peitado, quer gostem, quer não gostem».

E prossegue o vereador do PSD, aludindo ao facto do Presidente do SCE ter dito que os membros da Câmara «são irresponsáveis»: «Repúdio as afirmações e acusações devolvendo-as à procedência, e faço lembrar ao referido Senhor que a Câmara de Espinho está legitimamente e democraticamente eleita pelo Povo».

E a concluir o seu documento, Carvalho e Sá diz ainda: «Ultimamente a Câmara tem assumido posições de repúdio e consequentemente procedido judicialmente contra jornais e afirmações que caluniam a Câmara. Como este caso é tão idêntico ou mais grave ainda, penso que a Câmara deveria usar do mesmo critério para este Senhor, que ofendeu tudo e todos com o intuito de arranjar bode espiatório para aquilo que não é capaz de fazer».

Sobre esta tomada de posição de um dos seus vereadores a Câmara não tomaria qualquer deliberação, já que alguns membros argumentaram não ter lido a entrevista, ficando no ar a ideia de que ainda o vai fazer.

PEDRO BARROSO E GRUPO

Sábado, 16 de Março - 21,45 horas

No Salão da Piscina

Org. Coop. Nascente



Uma das questões que mais tem prendido a atenção de vários sectores, no processo da criação do novo partido, tem sido a das figuras que a ele estão, ou vão estar, ligados.

Cá por Espinho o mesmo se começa a passar, pois já vão correndo por aí alguns nomes de pessoas que entrarão encarregadas de lançar o partido Eanista.

Enquanto não houverem certezas, limitar-nos-emos a fazer algumas surpresas se avizinham. Mas, desde já uma coisa se pode constatar: são nomes que se situam em diversas áreas, com forte predominância das dos partidos do governo, incluindo seus militantes.



PORTE PAGO

Câmara Municipal de ESPINHO